

# O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

Director—ANTONIO SALLES.

AMOR E TRABALHO

Gerent.—SABINO BAPTISTA.

ANNO II

Fortaleza, 15 de Setembro de 1895.

NUM. 24

## EXPEDIENTE

Assignaturas por um trimestre 2\$000  
Número avulso. 500

Pagamentos adiantados.

O Pão publica-se duas vezes por mez.

Toda a correspondência deve ser dirigida ao nosso gerente, a rua do Major Facundo n. 4.—Ceará.

SUMMARY: Os quinze dias, Moneyr Jurema; Seguidilha, Garcia Rodondo; — A galope! Antonio Salles; — Marinhas, Antonio de Castro; — O Velho Doutor, José Carvalho; — Sonha de amor, Manuel Lobato; — Descrente, Frivolino Cavento; — Magnetismo, Sabino Baptista; — O canto do Sabá, C. Brunetto; — Puaçu, Rodolpho Theophilo; — Imprensa Literaria, Satyro Alegrete; — Ante um quadro, Lopes Filho; — Archivo, S. B.; — Através do Sonho, Livio Barreto; — Carteira.

## Os quinze dias

Permittam-me os leitores que hoje me occupe de um assumpto que não os interessa muito, mas que está a cahir-me espontaneamente do bico da pena.

Disse — não interessa muito, quando deveria ter dito — não interessa nada.

Quero falar de uma festa. . . Não é da do Club Cearense, não senhores. Esta de certo interessaria a todos os leitores d' *O Pão*, que todos lá estiveram, sabido como é que a ella concorreu a fina flor da nossa sociedade.

E, porém, não fui; e como não gosto de fallar de outria, deixo ao representante d' *O Pão* o cuidado de descrevê-la em outra parte desta folha.

A festa de que vou occupar-me foi toda ótima e realisaada em casa do nosso preado chefe Bruno Jacy, em Porangaba.

Este leucundo amigo baptizou no ultimo domingo o seu . . . nonot' filho, e para festejar litterariamente o acontecimento.

Padaria abalou para lá conduzindo o seu forno ambulante e os respectivos combastiveis.

A risonha vivenda do Bruno Jacy, muito alta e garrida entre mangueiras e cajuellas viridentes, abria seus hospitaleiros balcones a gente amiga que o trem e o bonde lhe traziam em grupos alegres e sequissos do ar bemfazejo dos campos.

Porangaba, a mimosa ex-tapuya, é hoje uma rapariga civilisada, que não se veste de ponnas e nem passa a pé; agora ella usa espartilho, envolve-se em tecidos de Paris e só põe o pé fora de casa para trepar no bonde ou no trem.

Quem a conhece somente através dos velhos mais formosos versos do nosso velho e pouco formoso mas sempre inspirado Juvenal Galeno, ficaria bem espantado de vê-la agora enfiada nos adornos que a civilisação lhe emprestou, para mais dos seus peccados.

O serviço de bondes, ultimamente inaugurado, veio sobretudo roubar-lhe os ultimos vestigios do seu primitivo encanto.

A invasão da capital foi brusca e destruidora.

A pittoresca Porangaba de outrora não é mais hoje do que um humilde prolongamento da Fortaleza.

O rapazio do commercio, das repartições e das escolas foi levar-lhe a nota burgueza nos seus tracks pelmuras e dos seus sapatos lustrosos.

Somente a lagoa, a reflectir eternamente o eterno azul, ainda é a mesma em que se banhava a formosa cabócia, de cujas carnes opulentas e cheirosas chorra saudades quando o vento d'ondejante das manhãs lhe devassa o seio molmo e crystalino.

Felizmente, a casa do Bruno Jacy, fica um tanto isolada, e as arvores que a emolduram dão-lhe um certo encanto bucolico sufficiente para deletar a nos outros gales da vida urbana, de olhos cansados de ver linhas geometricas de arquitectura e de ouvidos estompados pelo rumor brutal dos vehiculos.

Como o palacio de *Fucluan*, com seu faustoso orientalismo ignoto dentro das rurs de Paris, a casita do Bruno parecia seu esplendor campo-mo ao lado da invasão practana, da qual assegar gavam suas fronteiras manueiras e seus cajuellas floridos.

Formosas senhoras, rapazes juvenes respeitaveis mas alegres cavalheiros, creanças travessas sonreiam o sitio com palestras e risadas.

E o dono e a dona da casa, afanosos e amaveis, iam e vinham, distribuindo a direita e a esquerda o seu thesouro de attentões.

Aqui se discutia litteratura, ali modas além se relatavam episodios antigos e mais adiante — não se discutia coisa alguma porque esta mais adiante se referia a memórias e esta o que fazia era cam balhetar no ar, suspendendo-se nos galhos da mangueira e bater-se em fogos

pagilotos entre gritos de applauso e udo apapo.

De vez em quando o piano, só ou como violino, se fazia ouvir na sala, e todos se quedavam, a beber as ondas sonoras da musica.

Alguns dos convivas foram victas o asylo de alienados; eu preferi ir tomar um banho na lagoa, porque para ver dois dos ão é preciso ir no asylo, onde uma insignificante minoria dolles está recolhida. . .

De volta do banho senti no estomago o prurido da fome — que a tanto tempo não sentia! — esse prurido tão desagradavel para quem não tem com que fazal-o cessar e tão agradável para quem, como eu, encontrava uma mesa abundante a insinuar-me pelas narinas o capitoso e tentador aroma dos quitutes.

Algum tempo depois do almoço e pensa da a crise da formação do chylo, a Padaria formou *fuauon* é um verbo da epocha no alpendre e começou-se a *forunda* pela apresentação solenne dos *Chromos*, de X. de Castro, dos quaes se leram diversas peccas, que foram acollhidas com risos e palmas.

Leram-se diversos outros trabalhos, que peço licença para não enumerar.

Mais tarde baptizou-se a Juliinha escrevendo um dos nossos a seguinte estrophe:

O paleo fô o christã  
Lavado-lhe a cabecinha  
N'agua lustral . . . Da moça  
Já não poderá Satun  
Gosto acultu nesta n'minha . . .

E no meio do mesmo ambiente de *desafogada* alacridade se passou o resto do dia — dia rapidamente escoado como troços os espaços de tempo, durante os quaes se encerra este mundo velho e mal feito pelo preta risonho do bem estar.

A volta é que não esteve de accordo com as felizes disposições de qui *trouça* se achavam possuídos.

Oh! aquelle bond com uma lotação tepla, roumeito, aspero, cheio de fumo de cigarros paratido a cada instante conduzindo gente que assoviava e batia com as bengalals ou dizeu polhérias parva — era voz alta para que todos ouvissem.

E o caso de dizer como na *suçara* de *Lo Condessa*.

Tua alegria que vem,  
E tão teozes que voltamos . . .

# Seguidilha

DE THEOPHILO GAUTIER

(No álbum de C. Brunetto)

Saia apertada nas meias,  
Na frança um pente sem fim,  
Olhos de fogo, mãos brancas  
E umas pernas de marfim!  
O pé de creança, um zero!...  
Alza! Salero!...  
Eis a hespanhola,  
Que adoro e quero.

Gestos livres, dizer louco,  
Sal e pimenta a quem quer;  
Nenhuma cuidados o pouco  
Pensar grave de mulher;  
Amor caprichoso e fero!...  
Alza! Salero!...  
Eis a hespanhola,  
Que adoro e quero.

Dansar, ao tom ostalado  
Das castanholas cantar,  
E de charuto plantado  
No tablo em fogo, a clamar  
As destreza de um forero...  
Alza! Salero!...  
Eis a hespanhola,  
Que adoro e quero.

GARCIA REDONDO.

## A galope!

(COM VISTAS AO EXIMO DESENTA E LITERATO DR. OSCAR LEAL.)

Entre as innumeras descomposturas com que tenho sido mimoscado desde que encetoi a minha vida litteraria, vem figurar agora a que me pespegou Lopes Carqueja, na *Madrugada*, hebdomadario que se publica em Lisboa, sob a direcção do famigerado Oscar Leal, dos *Contos do meu tempo* (há delle) e de outras obrinhas de igual jhez.

Deu causa á descomponda o seguinte:

Lopes Carqueja, que *arqueja* e tambem oraeja, reuniu em um folheto as opiniões externadas por diversos jornaes sobre um dos livros de Oscar Leal, folheto de que mandou, um exemplar á Padaria Espiritual.

Accusando o seu recebimento, eu lamentei que o Sr. *Qu'arqueja* se desse ao trabalho insano de gastar sua cêra com tão ruim defunto, colleccionando opiniões, ás vezes insignificantes, sobre um livro pulha, como todos os que sabem do boticão... quero dizer, da penna de Oscar Leal.

Mas quando tal escrevi não sabia ainda, como soi agora, que Oscar Leal e Lopes Carqueja são duas almarrias distinctas e uma só pessoa verdadeira.

Vejam como é modesto o Oscar: prevaleceu-se de um pseudonymo para espalhar nos quatro ventos as apreciações feitas ao seu livro.

lendo a minha apreciação, Oscar

queja inflamou-se, bufou, erigiu as longas orelhas e desandou-me os pés. Acostumado a alimentar a sua bafiofa do capadocio ludino e audacioso com as migalhas que lhe tira a mal entendida benevolencia da critica, Oscar Leal (ou Lopes Carqueja) não comprehende a minha divergencia e a attribuo a má vontade que eu lhe tenho, ao proposito firme de offendê-lo.

Não ha tal; referindo-me a Oscar Leal na noticia que dei do folhe o em questão, eu disse apenas que S. S. nos seus livros se revela « crassamente ignorante, ridiculo e fulto de senso commum. »

Mas isto sem intenção de offender e inovido sómente pelos sentimentos da mais absoluta sinceridade.

Si estas verdades o magoam, que hei de fazer?

Que culpa tenho eu de deixar S. S. de fabricar dentaduras para fabricar livros?

Que culpa tenho de que a imprensa portugueza e a brasileira não sejam bastantes eufidosas para dizer-lhe a verdade, poupando-o ao desfructe de perpetrar livros irrisorios?

A primeira vez que tive de occupar-me com o Sr. Oscar Leal foi quando, nas columnas d' *A Republica* e sob o pseudonymo de *Ibrahim*, de que então usava, apreciei na suas *Viagens ás terras Goganas* e os seus *Contos do meu tempo*, e fil-o sómente porque, redigido uma secção humoristica, taes obras me proporcionavam um inextinguivel cabedal para fazer pilheria.

Mas sem intenção de offender. Si das minhas apreciações concluiu o publico que S. S. é uma besta, a culpa não é minha.

Que má vontade posso ter a um homem de quem só conheço as obras e os retratos que infallivelmente as ornann?

Dadas estas explicações, que, espero, sejam tomadas á boa parte pelo Sr. Oscar Leal, passo a apreciar o seu artigo.

Dispozêsse eu de mais espaço, e, em vez de apreciar-o, limitar-me-a a transcrevel-o.

A ignorancia e a falta de senso de Oscar Leal nelle se revelam de modo tão frisante que dispensam qualquer comentario.

Mas é longa a cadeia de sandiees, e só posso por isto destacar-lhe ao acaso alguns elos.

Começa Oscar Leal me chamando *mulato*; orrou a classificão da minha origem ethnologica. O que sou é *cabido* um tanto modificado pelo concurso honesto de algumas gotas de sangue portuguez de minha tereira geração ascendente.

Apesar dessa modificação, me considero cabido legitimo, e si tivesse um brazão, nelle figurariam flechas e tacapes.

E que sera Oscar Leal ethnologicamente? Não me repugna acreditar que S. S. seja de boa raça e de pelle branca, porque isto não vem ao caso. Algumas pessoas que o viram quando aqui esteve de passagem para o norte, affirmam-me, que S. S. é um bonito rapaz, bem trajado, bem nutrido—em-

fim *uma boa estampa*, como diz a gente do sport.

Intellectualmente, Oscar Leal é indomente com a boza da philantropia e da espartexa.

Vamos adiante.

Falando das minhas *Terras d' Noite*, diz Oscar Leal que nellas « *haciam* produções detestaveis, etc. »

Que criterio pôde ter um critico litterario que nem ao menos conhece as regras do verbo *hacer*, familiares a qualquer menino do escola?

Oscar Leal me chama « critico anonymo d' *O Pão* » e fala diversas vezes em *anonymato* sem comprehender allias a significação desta palavra.

Como é que pôde haver anonymato n'uma revista litteraria que não tem secção livre, e em cujo frontespicio se lê o nome do director?

Para qualquer pessoa de espirito menos obtuso que o de Oscar Leal, é claro que todas as peças não assignadas dessa revista são da responsabilidade immediata do director.

Sob o pseudonymo de Lopes Carqueja, Oscar Leal qualifica a si mesmo de « escriptor que mais serviços tem *como tal* prestado ao seu paiz, ja fazendo conferencias, ja escacovendo e dando-nos a conhecer suas riquezas e suas bellezas. »

Os « serviços » allegados no trecho acima são o que se chamam communmente—serviços de diabo-coxo, e quando tem effeitos sómente negativos, mas tambem perniciosos.

Eu tremo de pavor e sio de patriotica vergonha só em pensar nas monstruosidades que Oscar Leal deverte esvurmado nas suas apregondas conferencias!

Felizmente andou por lá Valentim Magalhães, e o publico lisboense tera reconhecido que o Brasil possui homens de senso e de talento, predicanos a que é absolutamente estranho Oscar Leal.

Quanto aos seus livros, elles são com effeitos preciosos—não como documentos da vida nacional, mas como documentos de psychologia morbida e desafiaram a attenção de Ferrero ou de Lombroso. Oscar é ao mesmo tempo graphomano e megalomano.

Soffre do mal de *escrever* e do mal de *fazer figura*.

Qualquer dia o teremos commendador de qualquer coisa.

Diz Carqueja que si Oscar lesse o meu artigo « *soltaria a risada do costume, propria dos grandes talentos.* »

Oscar Leal pôde ter uma *risada do costume*; pode até rir-se a horas certas, como dizem que zurrann os juventos; mas que essa risada seja *propria dos grandes talentos*, não o sabia.

Tenho conhecidos homens de grande talento, sérios como um pote, e imbecis que soltam a cada passo risadas proprias dos *escaros leaes*.

Affirma Oscar que na redacção do seu jornal existem duas longas cartas dirigidas d'aqui a qual dizem de mim *cobras e ligartos*.

Acredito piamente, e até poderia dizer quem as escreveu. Saiba o Oscar que não é unico na especie; por aqui ha gente do seu estalão e muito digna de conviver e de se corresponder com S. S.

Da ineptos, como agulhas a superfície d'agua, tendem a atrahir-se.

« *Un sot trouve toujours un plus sot qui l'admire* »: é portuato perfeitamente natural que S. S. ache no Ceará quem o applaude e lhe forneça informações malevolas a respeito.

Continuemos: Diz o Oscar: « Da mesma forma que enxotamos para longe o repil que nos tenta morder, temos tambem a indulgencia de poupar-lhe a vida, deixando-se esquecer entre os *aycomoros* do cisco em que vive e se arrasta debilmente ».

Todo este periodo é bastante amarrado, mas ha nelle sobretudo um emprego de palavra impagavel: — *aycomoros* do cisco.

Sycomoros do cisco!!! Oscar quiz dizer *comoros* (monão, acervo, combro) e disse *aycomoro*, que é o nome de uma planta.

Sycomoros do cisco só poderão brotar no planturoso cerebro do Oscar.

Pergunta Carqueja qual é a minha profissão, e elle mesmo responde — nenhuma, nenhuma.

« Nenhuma, sim, acrescenta, porque ser creado do governo estadual, ter um emprego publico, enfim, nada significa. »

E não é que o patife chamou de creados a todos os funcionarios publicos?

Então, pedaço d'ano, exercer como eu exercia o cargo de Secretario de Estado dos Negocios do Interior é ser *creado do governo estadual*?

Ter um emprego publico nada significa, oh casmirro!

O que é profissão decente é somente arrancar dentes podros, fazer dentaduras e oliurar entres, paspallão!

Depois destes desabafos que tratam todo o infinito despeito que lhe roe as entranhas, Oscar mette-se a fazer o espirito e lembra-se de aconselhar-me... sabem o que? Que eu estude obstetricia, que va ser parteiro! Que lembre-se! Que actindo! Que risota!

E' oescado procurar o Oscar estes recursos para fazer rir: para a gente achar-lhe graça basta ler o que elle escreve sinceramente e sem *parti pris*.

Inda me sabem hoje as gargalhadas que dei ao ler os seus *Contos do meu tempo*!

Para destrahir o que da *sons livres* eu disse a *Republica*, Oscar transcreve algumas referencias que esse mesmo jornal lhe tem feito ultimamente — enaltecendo-lhe as prendas.

Que lhe faciam bom provento estas e outras amabilidades equivoas, sarcasmos com que o director da *Modigliada* vai erguendo a sua pedestal de glorias, o que não passa de um tablado de febre, nado como os seus collegas de arte, os dentistas americanos faz preza de multipas habilidades e apregoa no mesmo tempo os seus preparadros odontologicos e litterarios, todos paniceos, todos perniciosos a hygiene da bocca e da alma.

Vou terminar, mas não sem proximo antes ao Oscar que vou ler os seus ultimos attentidos contra as lottens patrias e sobre elles formular um libello necessariamente no estylo que S. S. ja combinou e que tantas maldades lhe derrou, na obra e no pensamento

mente revestido de accessorios do pinho, quando os devia ter de couro.

Despeço-me por hoje do Oscar dos meus quadros, e lhe prometto que não mais o desatrollarei da *victoria* em que pretendo fazer a minha viagem triumphal a immortalidade.

Up, Oscar! A galope!  
Setembro—95.

ANTONIO SALLES.

Marinhas

I

A pequenina casa em que ella mora Ergue-se all á beira mar. Apenas Outras de palha habita,ões pequenas A vista alcança peia praia e fora...

Passam no oceano, que murmura e chora Aves marinhas de alvejantes pennas Voejando, garbosas, e as serenas. Frações jangadas que no, riar da aurora,

Partem, sulcando as aguas agitadas, Levando as brancas velas desdobradas, Soltas ao vento que suspira... em quanto

As ondas vêm, bordadas de alva espuma, Estender-se na areia uma por uma. Num choro triste, num con. inno pranto...

II

Noite serena... esplendido o luar. Luar de agosto e-bate brandamente. No vasto areal, interminio eluzente Que se distende ao longe orla do o mar.

Recostada a janela, fita o olhar Marojado de lagrimas, dolente. No azul do ceo, medita tristemente. Ella, a moça mais linda do lugar.

Seis ma tristonha, em quanto além as aguas Choram e susurro as suas grandes magnas A s magnas que ella sente e que não diz.

Soffre. No entanto bem pudera um dia, Ventura, corcar-se de alegria, E muito coração tornar feliz...

ANTONIO DE CASTRO

O Velho Doutor

AO W. CAVALCANTI

I

Pelas immediades de uma de nossas mais florecentes cidades do interior todos conheciam um velho bacharel, pobre e desprezado, que vivia completamente absorvido no seu idealismo religioso.

Abandonara voluntariamente a magistratura, os bens de fortuna, a sociedade, e entregava-se a um catolicismo de monge, meo adicio de *fratres* e um mancebo.

Todos os dias, o velho Doutor — como todos o chamavam, — mal vestido, muito deslegrado, tremulo, quasi plantado no grande areal do estrado, passava, cantinho a boca em pueria da Igreja.

No seu pensamento absoluto a sociedade abandonava a todo. Uma grande exaltação de algeidão e um certo palio de alienação em si, o que no mancebo

para logo se via-se das folhas das arvores, de que sempre trazia os baldes cheios.

Levava uma vida martyrisada pelas grandes penitencias a que se sujeitava resolutamente.

Para muitas pessoas creduas da vizinhanca o velho Doutor gosava dos foros de santo.

Outras, porém, mais *licet* mais *audax*, ao vel-o passar, tremulo, vacillante, riem e exclamavam zombeteiramente:

— Aquillo é um pobre idiota!  
— Não digam isto, replicavam cutros voces bem sabem que é um Doutor *fornado* e o vigario disse que elle é um santo homem que havia abraçado a *loucura da cruz*!

O velho Doutor levava ao excessso a mania de suas penitencias physicas.

Uma noite, quando tudo dormia, sahia elle a correr pela estrada, ate cahir sem forças, morto de fadiga. Por isso na vizinhanca, correu a historia de estar apparecendo um *hicho*. Uns dizem que era alma do outro mundo que andava fazendo penitencia, outros garantiam que era um *lubi-homen*, pois que tinham ouvido bater as orelhas, e alguns affirmavam até que era o proprio *demonio*, por causa de um amassado que morava perto. Espalhou-se a noticia e todos os moradores andavam prevenidos.

Uma escura noite de inverno o penitente arrependeu-se certamente de seu supplicio nocturno, embora tivesse soffrido a abus, em desconto de seus peccados, o que lhe succedera. Não se lembrou o velho do perigo a que podia se expor e correu para as bandas da casa de um visinho que tinha dois cachorros, bravos, desespetrados. Os cachorros apenas presenciaram aquelle vulto a correr nas trevas partiram furiosamente a latir e o velho que já estava emudo da primeira corrida teve que dobrar de força e de presteza para não ser alcançado.

Os donos da casa alvoracaram-se e todos armados correram para matar o *lubi-homen* e pelos gritos da victima que se debatia em os cachorros reconheceram felizmente que era o Velho Doutor.

E não fosse a conta em que todos o tinham e teria elle ficado como *creador* de *lubi-homen*.

Era penitencia, dizem, o que o velho andava a fazer aquellas horas da noite?

Em toda a parte commentava-se publicamente o caso. E o velho, apesar do respeito que inspirava, senão, levando pelos ripates mais *ateados* e *libellous*.

II

O velho não tinha quasi relações de amizade com pessoa alguma e com as pueras com quem se dava a conhecer, sahia a moral dos costumes e do *desapego* de cosas terrenas contra a vaidade e mais ainda sobre os grãos dos dedos do que de familia.

A reconhecida do seu luto pelo velho era a única coisa que lhe dava alguma satisfação e a única que lhe dava alguma que se podia invocar que nada poderia fazer para palliar o abito de seu patria.

E quando fallava neste assumpto vinse distinctamente que suas feições se alteravam, tornava-se pallido e um estremecimento agitava-lhe o corpo emmagrecido. Tinha uma folha do bojeo e passava-a no rosto como para desfazer os signaes evilentes de sua perturbação.

Um profundo segredo talvez existisse na historia daquelle velho titulado abandonado ao esquecimento e à miseria.

A não suppor-se um alucinação mental, ninguém sabia a causa daquelle despreso, daquelle renunciamiento às posturas sociais e ao bem estar que podia gozar na cidade onde fora um dos primeiros magistrados.

Indifferente a todos os conceitos que a seu respeito se podessem fazer, pouco lhe importava dar a razão que o impellira a isso.

Não quiz, porém, que o tumulto guardasse eternamente o seu segredo e deixou-o revelado a uma pessoa de sua intima confiança.

### III

Logo formado em direito pela Academia de Olinda, voltara a sua cidade natal como promotor de justiça e ali casara com uma sua prima que o havia esperado durante todo o tempo de sua formatura. Mais tarde fora nomeado juiz municipal.

Ao principio amara sua mulher com todo o ardor, com toda a impetuosidade de moço e sonhador. Eram muito felizes.

A tranquillidade de sua comarca permitia-lhe passar quasi todo o tempo em sua grande fazenda.

Tiveram o primeiro filho e do berço da creancinha fiseram seu altar. Era o filhinho louro e risonho o idolo de suas adorações e affectos. Ella era sempre a mesma; boa e amorosa como no primeiro dia do noivado. Procurava adinhar os seus mais diminutos desejos. A maternidade não lhe roubara traço nenhum da belleza, pelo contrario, tornara-a mais formosa ainda. Com o amor de mãe, com aquella affectividade suavia continuava a ser mais amorosa esposa, mais termu companheira. E no entanto, elle sem o saber porque, sem o saber explicar, ia perdendo todo o amor, toda a affeição aquella a quem só deveria adorar ainda mais.

Cada dia mais augmentava sua abnegação, seus desvelos; ao passo que elle mais se tornava indifferente e abhorrecido.

Tornou-se grosseiro, brutal, desprova-a, sentio mesmo por ella uma especie de repulsa; por fim, não a odiava rancorosamente, mas não a tolerava, não podia vê-la. E ella, coitada, com a resignação de um martyr, innocente e ingenua esforçava-se por lhe ser agradável.

E aquillo o desesperava!

Não a abandonava porque respeitava, temia os preconceitos da sociedade.

Era uma revolta intima, diabolica que sentia desesperadamente n'alma. Revoltava-se contra todos e contra tudo. Uma sociedade inconsciente e absurda!

Muitas vezes sahia precipitadamente de casa, fazia longas viagens sem

negocio algum; mas em toda a parte este inferno o torturava; parecia-lhe até, que distante de sua mulher ainda soffria mais. Fazia-lhe mal a felicidade dos outros, todos os homens eram hypocritas, não podia existir ventura ao lado de uma mulher.

Voltava à casa e não podia fitar sua esposa, a pallidez que ja lhe cobria o rosto causava-lhe nojo, sentia um tedio mortal aquella creatura.

A's vezes, porém, vinha-lhe ao coração uma sombra de arrependimento e inqueria de si a razão porque abominava sua esposa e não encontrava. — Ella não era a mesma tão boa, tão virtuosa?

E fazendo um esforço superior procurava vê-la, mas absolutamente não podia, aquillo não estava em si; obedia irresistivelmente aquella força de antipathia que o tornava uma fera, um homem desgraçado, porque afinal soffria muito também.

Perdera até o amor do filhinho porque a creança parecia-se com a mãe.

A pobre Senhora dofallava, morria lentamente.

Seus negocios iam quasi sem direcção porque aquelle desespero absorvia-lhe toda a existencia. Por ultimo trançeara-se em um gabinete e não apparecia a ninguém, morria de apathia.

Muitas vezes, quando lhe chegava aos ouvidos um gemido de sua esposa tinha um impeto diabolico de partir a ella e estrangulá-la.

No entanto ella ja prostrada morria de dor e de amarguras.

Quando, as vezes, aclaravam-se um pouco as sombras de seu espirito, reconhecia que aquillo tinha uma causa pathologica e procurava nos livros o remedio de seus males, debalde, nunca encontrou.

Um dia chamaram-no; sua mulher agonizava. Rompeu grande repugnancia, aproximou-se do leito e o ultimo olhar que ella lhe dirigiu, embagalo, quasi sem luz, mas sempre termo e cheio de magua, vibrou-lhe n'alma ainda um lance de indignação e de tedio.

Sentou-se ao lado do cadaver cumprindo assim um dever doloroso, dever quasi superior ás suas forças. Automaticamente, sem que o sentisse litou o rosto machucado do cadaver ao principio olhava-a com indifferença, seu estado de desespero, quasi não lhe dava consciencia) depois uma especie de interesse foi-se-lhe despertando insensivelmente. Olhava-a sem tedio, sem nojo. As sombras de seu espirito como por encanto desapareciam uma a uma.

Fitou-a encarecidamente ja lhe encontrando uma certa belleza; reconheceu-lhe um pequenino signal na face, a maciez avelludada de sua tez e, enfim, aquelles mesmos traços de out'ora. E sua mulher como n'uma transfiguração appareceu-lhe agora radiante de formosura e de amor. Um arrependimento brusco sacudiu-lhe rijamente a alma e elle sentiu renascerem todas as suas affeições por sua desgraçada mulher.

— Sim era ella! tão boa, tão innocente, aquem elle havia roubado lentamente a vida!

Um amor intimo, ardente, um arrependimento sem nome levavam-n'o ao desespero e era mais infeliz porque não morria tambem ou não perdia o raso de uma vez.

— Pois bem—jurara elle—si não foi um homem feliz quando devia ser, de h'je em diante renegarei toda a felicidade da terra.

Depois desta confissão o Velho Doctor não se levantou mais e d'ahi a poucos dias entrava desconhecido sem uma lagrima, sem um amigo, no larga porta do cemiterio da cidade donde era filho e onde fora um dos primeiros magistrados.

(Dos *Perfis Sertanejos*.)

JOSÉ CARVALHO

## Sonho de amor

AO GUILHERME DE MIRANDA

Na teta fina dos mais puros sonhos  
Com a tinta dos risos furta-cores,  
Pinta Cupido mil paineis risonhos,  
Traça Cupido mil paineis de amores.

Traço fidalgo de escultura fina  
O pineal-mestre patentela agora:  
A face tua, esplendida, divina;  
Bejada em cheio pela luz d'Aurora.

E o sol erguido d'entre nuvens alvas,  
Mostra em mil luzes um poema louro.  
Teus pés perfumam setinosas malvas,  
Cercam-te a cinta borboletas d'ouro!

Bandos de beijos, voltitando em torno  
D'aurora rubra dos teus quentes labios,  
Como embebidos num de irio morno  
Tiosam voando os seus vitas ressabios.

Pelo teu rosto,—de canduras ninho  
Sóbe um rubora denotar enleios...  
Roupas de lirios beijam, com carinho  
A rosea ponta dos teus jaspeos seios!

E a candidez da luz desaparece,  
Ao despertar-me emfim do sonho amado,  
Tendo na bocca o alvor de ardente prece,  
E o lirio do prazer despedaçado!...

Belem, Fevereiro—95.

MANOEL LOUREIRO

## Desprezo

AO JOSÉ CARVALHO

Quem quer que olhe attentamente por aquelle rapaz que anda sempre contempitivo e triste, como quem fez do coração ninho de côrvos agorentos, não dirá que out'ora, quando sua alma de poeta estremeia de prazer e gozo a luz tremula de olhar fulgido, foi expansivo e sahio dar umas gargalhadas estrepitosas e cheias.

Parece que naquelle coração que se inflammava ao attrito de amor immenso passou o tufão negro da descrença e sonhábios perennemente abertos em riso fraco são hoje um campo vasto onde se

re-pousar o ornamento todos os prazeres e todas as alogrias. E assim com a physiologia de quem soffre uma dôr irrepre-diavel elle vai fazendo a travessia do deserto da vida.

Nunca o acabrunharam tristezas e magadoras e pungitivas como as que lhe assaltam agora o espirito. Eraduma loquacidade pasmosa e ria muito: o seu riso era uma tortura para os burguezes que so pensavam em ter muito dinheiro e têm a volleiidade de suppor que a felicidade consiste em ter muitas libras a tilintar-lhes nos bolsos.

Quando elle atravessava as avenidas do *Parque Publico*, vestido de roupas es-palhafatosas, com uma rosa rubra presa á lapella do paletot, ar de quem comis-tou com bravura tropheus gloriosos, todo o povo que estava alli o olhava com espanto e o chamava pretencioso. E o pas-sava alancero e lançava um desdenhoso olhar, porque não via, no meio da multi-idão, uns negros olhos que enchiam de luz sua vida de bohemio.

Hoje vela-lhe o semblante o sudario da tristeza e conserva-se n'um diserto mutismo como quem recia revelar ao publico o *mal secreto que lhe doerá a vida*.

28—95.

FRIVOLO CATAVENTO.

## MAGNETISMO

Não sei que força impetuosa, extranha tens no teu brando e carinhoso olhar, que para mim pôsse uma tamanha atração mysteriosa e singular!

Do teu olhar se a doce luz me banha eu sinto o sangue em ondas borbulhar, então a chama q' em meu ser se entranha tem o calor da intensa luz solar!

E que o fogo do amor que nelle habita a minha Carne estremunhada excita me ateando a febre no doudo coração!

e que esteja de mim longe ou perto no peito ou tenho um claro sol aberto e na alma, acceso, um calido volcão!

[Das — *Vaguet*]

Ceira — 3—14

SAMINO BAPTISTA.

## Imprensa Litteraria

*Revista Brasileira*—De mais dois fasciculos desta esplendida publicação temos que registrar hoje o recebimen-to.

Um é correspondente á segunda quinzena de Julho e tem o n.º 11, o outro correspondente á primeira quinze-na de Agosto e tem o n.º 15. Do primeiro fasciculo destacamos os bellis-simos versos de Alberto de Oliveira. *Verchos de um poema*, e o magnifico artigo — conclusão de Carlos Parlagreco á *Arte e a Critica*; do segundo podemos dizer que muito nos agradou em *A philosophia do Decem*, de Martins Junior, e o interessantissimo artigo de Joaquim Nabuco—*Um estudo da Imprensa*.

*Revista Juridica*—N.º 6. Encerra este bom numero do magnifico orgão da Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro criteriosos e bem lançados trabalhos firmados por Arthur Orlando, Jos-Valverde, Valeriano Lima, Bandeira de Mello, Coelho Rodrigues e outros conhecidos homens de sciencia, o que muito e muito recomenda a proxima collega.

*Sicias*—N.ºs 11 e 12. Da Bahia recebemos mais dois numeros desta revista do Arcenio Evolução que continua sempre interessante e atrahente.

*Revista do Norte*—N.º 2. Mais uma outra revista bahiana temos sobre a mesa. Intitula-se *Revista do Norte* e é dirigida por Sidney Fisher tendo como redactores Vespasiano Tourinho, Camillo Borges, Dionisio Penna e Antonio P. da Silva.

A *Illustração*—N.º 13. Traz este numero desta interessante publicação pernambucana o retrato de Gaspar Regueira Costa e um formoso soneto de Paulo de Arrada, intitulado *Melan-colia*.

*Revista Contemporanea*—Numero 15. Com o presente numero, que esta magnifico, entra a *Revista* no seu segundo anno da vida, vida que foi sempre de triumphos para os seus redactores e de impulso e aproveitamento para as letras pernambucanas.

Saudando a sympathica collega por tão auspicioso acontecimento só temos que augurar-lhe longa existencia e muitas glorias para os seus inen-suráveis impulsionalores.

*Revista Moderna*—Numero 10. Edição commemorativa do seu primeiro anniversario, collaborada por varios homens de letras de Pernambuco. Com effusão cumprimentamos a estimavel collega e desejamos-lhe uma existencia de Marizalém...

*Travenca*—N.ºs 5 e 6. Temos tam-bem que agradecer a remessa de mais dois bons numeros desta sym-pathica revista do Centro Litterario que vai dia a dia se tornando cada vez mais interessante. Delles destacamos o *Reconhecimento*, de Amival Theophilo, incontestavelmente um bellissimo soneto.

*Revista Portuguesa*—Fazendo o Joaquim de Arago, nosso passado collaborador e conserto, mandou-nos mais um excellento numero d'esta magnifica publicação portugueza, de que é digno director. Traz o presente fasciculo um opulento e precioso cabedal de harmoniosos e sonoros versos firmados por João Penna, João de Deus, Joaquim de Arago, e Manoel de Moura, além de vibrantes e formosos trechos da poesia de Gromex Leal, Ramalho Ortigão, Souza Mar-tins, Visconde de S. Boaventura, Teo-xeira Bastos e Julio Brandão, nomes vantajosamente conhecidos e venera-dos não só em Portugal como no Bra-zil. Com o presente numero completa a *Revista Portuguesa* o seu primeiro volume, e o penultimo que a collega está este p'ra trançada e lançado-lhe os numero-s 1 e 2. Os primeiros colaboradores e que recebemos do nosso estimado col-laborador e conserto.

A *Modicidade*—N.º 1. Encerra este

numero o numero que temos pre-sente dois bonitos sonetos, um do Wenceslao do Queiroz, distincto poeta paulista e outro de Julio Brandão, ex-ultoso poeta portuguez, e assim como um desolante artigo de Lopes Car-queja contra Antonio Salles. E é de um comeco irresistivel o tal Lopes Qu'arqueja e que não é mais nem no-mos do que o charlatão do Oscar Leal, esta *ruidosa* e cretoida bagagem literaria ha de passar a posteridade como um monumento de sanhae humana.

Em outra s'ccção Antonio Salles da-lhe a merecida traco e vos, uma vez que nos occupamos da *Modicidade*, vamos transcrever uma escriptura, quadra que Anatolio Gervay impraxiu, e apoz a letura de uma impagavel nota que ella da sobre o Correo do Am-zonias:

O Doutor Oscar Leal,  
Que aqui scarpas foi dentista,  
Azoula p'ra Portugal!  
E lá se fez... jornalista!

E agora para agradecer a remessa de todos os distinctos collegos orga-nizamos os adjectivos, e para não rep-etimos a chapa da costume que diz *petitiveros*—purgamos o poema li-ral.

SAPYRO ALGIBRE.

## Através do sonho

A RUIBERTO DE ALENCAR

Corro os olhos de noite enquanto o sonho  
Não chega, e deixo-me ficar sonhando.  
Nesse abstracto e languido abandono  
Dequem com o coração vai conversando.

E como um triste e luminoso bando  
Degaryas sobo azul de um eco de outono  
Vão minhas utopias entigrando  
Do altar aonde o teu amor enthrono.

Throno de flores que a illusão colora  
Minuto por minuto, enquanto chora  
O coração no intimo, sentido.

Aonde o teu amor mal pausa e aonde  
Minha esperanza ultima se esconde  
Como um passaro triste e mal ferido.

[Das *Delicias*]

LIV — BARRETO.

## Punição.

A LOPES CARQUEJA.

P'assa alquebrado, velho e macilento  
Sem um raio de luz dentro dos olhos  
Que do caminho mostre os nus escolhos  
Que a sorte reservou p'ra seu tormento.

Caminha... e o passo e vagaroso lento  
A tacrear da vida nos abrolhos  
E a barreira trevoza dos autolhos  
Temperado pela luz, um só homem morto.

Este cozo, que Deus acim castiga  
E na treva a enguira faz que siga  
Sem um conforto, a caminhar a sos

quando nemmo procurava os milhos  
E os olhos dos implumes passaram  
Estrava rindo com crença atroz.

RODRIGUES TRINDADE.

## ARCHIVO

O nosso distincto collaborador e consocio, o eminente litterato portuguez, Joaquim de Araujo acaba de enriquecer a nossa bibliotheca com tres alguns dos seus primorosos livros. E' a terceira remessa que nos faz o festejado poeta das *Flores da noite*, cuja sympathia pela Patria Espiritual muito nos lizongem e estimula, pois da-nos a certeza de que na Europa tambem ha quem applauda os nossos esforços em prol das letras e do engrandecimento de nossa terra.

De Joaquim de Araujo já tinhamos as *Flores da noite*, *Luiz de Camões*, *No morte de Antheo*, *Zara*, (versos), *Accusa dos versos de João de Deus*, *Cu millo Castello Branco*, *Sã de Miranda* (prosa), e as duas magnificas revista *Nova Alcorada* e *Revista Portuguesa*. Agora acabamos de receber as seguintes obras para as quaes nos faltam expressões bastantes que possam significar ao illustrado publicista o nosso agradecimento:

*A Estatua do poeta*, uma vibrante e inspirada ode escripta expressamente para servir de auxilio á commissão que em 1890 promovia a erecção de um monumento a Camões, na capital portugueza. Rendendo tão generosa homenagem ao maior dos poetas portuguezes Joaquim de Araujo sentiu-se inspirado e compoz versos de uma belleza intemporal.

*Cancão do berço*, uma bellissima romanza enfeixada num mimoso voluminho de poucas paginas, onde o poeta revive toda a harmonia e toda a doçura da antiga xacara portugueza.

Nossa Senhora vem na sua jumentina trazendo ao collo o terno filho amado. Ao passar por um campo onde os semeadores mourejam ao sol pergunta-lhes o que estão a semear:

Que andaes semeando, nesse solo amigo?  
Nós, Senhora Nossa, semearmos trigo

E a virgem seguia todo risonha no seu véo de graças fazendo votos para que o trigo nascesse.

Mais adiante Nossa Senhora encontra novos semeadores,

Levantando os olhos do seu doce abrigo:  
Que andaes semeando, nesse solo amigo?

— Uma voz respon-le, sacada e breve:  
— Semearmos pedras, que é officio leve.

A virgem ao recobertão de quão brutal resposta seguio chorosa e cheia de tristeza até desaparecer ao longe...

«Mas no outro dia,—bem o quiz a sorte!  
Fora o chão tocado pela mão da Morte...

«Tudo pedregulho,—desolada magua!  
Olivas mirrados:nem um veio d'agua»

«Eo primeiro campo num trigal florido,  
Reprimamente, fora convertido.

Mal vinha rompendo no horizonte aurora  
Foi Nossa Senhora 'foi Nossa Senhora

E desta encantadora lenda o delicado poeta fez uma obra prima,

*Luiz de Camões*, traducção italiana do primoroso poema *Luiz de Camões* cujo original já possuamos.

A versão foi feita pelo poeta italiano

G. Zuppone-Stani e luxuosamente editado em Genova, ultimamente.

Agora só nos falta registrar uma pequena brochura que enfeixa um adoravel conto e que nós consideramos o mimo mais valioso dentre as obras que nos remetteu Joaquim de Araujo.

Intitula-se *A Ideia da bebê*, e para que os leitores calculen o valor do pequeno opusculo vamos transcrever o topico da carta que o distincto poeta nos enviou, referentes ao mimoso conto e aos tres livros de que nos occupamos.

«Envio á Padaria a traducção italiana do meu *Luiz de Camões*, que acaba de publicar-se, e *Estatua do Poeta*, a *Cancão do berço* que tambem acaba de vir a luz, e a *Ideia da bebê*.

Com relação a esta ultima composicão, direi a V. que a tiragem foi de 16 exemplares destinados a um brinde: por acaso ficaram-me dois exemplares de provas typographicas, e é um desses o que lhe envio. Um pedida, porem tenho a fazer-lhe e é que não transcreva nem deixe transcrever esse conto, que eu gostaria de que, na sua forma definitiva, ficasse *pena dentro do fo lhetto*.

No entanto, ser-me-ia agradavel que o vosso *Pão* registrasse a publicacão da pequenina brochura, accentuando a tiragem de 16 exemplares para eu não receber pedidos a que não possa satisfazer.

Da *Cancão do berço*, tambem a edição foi muitissimo pequena, a ponto de nem as pessoas da minha familia—atudas—poder mandar exemplares

E aqui está por que nós consideramos a *Ideia da bebê* um presente de tanto valor não só pelo cunho litterario como pela sua raridade.

Só sentimos uma coisa: ter Joaquim de Araujo nos prohibido de offerecer a as gentis leitores d' *O Pão*

S. B.

## O canto do sabiá (\*)

(Lenda cearense)

A ANTONIO BEZERRA

*Ella, a gentil moreninha,  
urlia em louco desejo  
pelo moço sertanejo  
que a saudava, a tardinha  
e fitava embecceido  
ella, a gentil moreninha.*

*Era pobre o moço amado!  
Embora rico de affecto,  
de nobre e formoso aspecto  
galanteador, requerstado,  
fôra afinal repellido...  
Era pobre o moço amado!*

*Pobre!... a pobreza entumecia:  
Ser pobre é negro delicto!  
Como um miserio precito,  
o mundo repelle e alheia  
quem tem pouca dote a pobreza...  
Pobre!... a pobreza entumecia!*

*Embora! A linda serrana,  
a casta flor perfumada,  
que desbrochava corvada  
pela opulencia mandana,  
amava o altivo mancebo,  
embora, a linda serrana.*

*Do amor a cicida chamma  
lucava fundo em seu peito;  
cintando o patrio preceito,  
ca la vez muita quer, mais ama,  
que não mede precipicium  
do amor a cicida chamma.*

*Jamais lograram juntar-se  
os deeditos amantes;  
em ternos ais argu-jantes,  
ella cior a lamentar-se...  
Ah! peitos que tanto amaram  
jamais lograram juntar-se!*

*Definhava, coitadinha!  
a triste morena e linda;  
matava-a uma dor inflada  
que nenhum consolo tinha...  
E a pensar nesse infartunio,  
definhava, coitadinha!*

*E assim finou-se... Pensando  
naquelle anhefo saace,  
vin-se e cou como a oce  
vencuta ás aureas, cantando  
saudades que em terra dei va  
E assim finou-se, pensando...*

*Pausada na cruz da ermida,  
que se ergue em frente á casinha  
via-se então uma moreninha  
cantando enchecha sentida...  
Que cantar magoado o do oce  
pausada na cruz da ermida!*

*Era a voz da cigrem moça...  
Assim seus ais dobridos  
e as seus plangentes gemidos  
doiam, gemiam lá.*

*Eis como a natureza den-nos  
o canto do sabiá.*

Ceará—1889

C. BRUNETTO.

(\*) Estes versos foram-me inspirados pela seguinte lenda que encontrei no curiosissimo livro de Antonio Bezerra, *Notas de viagem*, publicado no Ceará em 1889.

« Não posso esquecer, diz o illustrado excursionista cearense, a agradavel impressão que me causava a presença de uma sabiá da praia (*turdus lictus*), que poitada no topo da cruz da igreja, vinha pela manhã e ao pôr do sol quebrar o silencio daquelle retiro com a melodia do seu canto.

« Que saudades naquellas notas queixosas!

« Interpretou-as perfeitamente o sabiá naturalista Theodoro Descourtilh na sua *Ornithologia brasileira*, quando narrando a historia dos passaros do Brazil, es-reveio a respeito deste:

*La nature semble mettre alors une suite de harmonie entre le chant mélancolique de cet oiseau et le deuil du jour. Il devient plus agréable, plus touchant après ces heures d'épouvante, et lorsque la terre humide exhale ses parfums que se souvient l'être le bruyant ramage des oiseaux au des temps à l'aspect d'un soleil sans nuages.*

Referiu-me assim uma vez, minha lavadeira, a causa dos quezumes da terna avealinha:

— Ha muitos annos uma moça muito formosa enamorou-se de um excellente rapaz, que por ser extremamente pobre, oppuzeram-no os paes ao casamento.

Appareceram empenhos, mas os velhos cada vez se mostravam mais obstinados.

Elle quiz reptal-a; ella, porém, recusou-se ao seu desigulo, como boa filha que era. Adoeceu, e sentindo-se definhar, buscou a Igreja, onde levava horas esquecidas em profundo recolhimento.

Aggravou-se mais e mais o seu mal até que um dia, ao cahir da tarde, pediu ella que lhe abrissem a porta que deitava para a frente da Igreja. Satisfoz-se-lhe a vontade. Encalou em sorriso, e a'um segundo, após a luz brilhante que oncheva toda a sala, viu-se que alguma coisa em voo rapido se escapara pela porta.

Voltaram-se immediatamente as pessoas presentes e então aperceberam uma sabia no alto da cruz, modulando uma queixa tão terna, tão sentida, tão lamentosa, que tornava mais tristonha a hora do crepusculo.

A moça já havia expirado. Daquelle dia em diante, pela manhã e á tarde, a pobrosinha vem em notas plangentos relembra a historia do seu infortunio.

Esta singela e poetica historia poderia bem inspirar um poema, quanto mais os pallidos e despretenciosos versos em que reproduz as minhas impressões após a leitura da tocante narrativa. Por natural estimulo, offeroel-os ao auctor do interessante livro a que me referi já, livro em que a indole poetica e o espirito culto de Antonio Beserra traçou paginas admiraveis.

C. B.

Ante um quadro

Ao RODOLPHO THEOPHILO

As mãos ergu'das para o ceo levanta  
Em beatifica unção religiosa;  
De seus labios a prece sacro-santa  
Subo do céo a esphera luminosa...

Não sei que graça simples e bondosa  
Quem a contempla experimenta-tanta,  
Que nos sugere a Mater Dolorosa  
Essa Imagem purissima de santa.

Prece? suspiro do intimo arrancado?  
O que paira em seu labio? o ancelado  
Ideal da Carne, que alma humana agita?

Tudo resume a mystica figura...  
A crença nolla com certeza habita,  
K nolla o amor habita por ventura!...

15

LOPEZ FILHO

(Das Procellas)



«CHROMOS»

Este livro do nosso inolvidavel Xavier de Castro, o idolatrado compunheiro cuja perda nunca lamentaremos bastante, acaba de ser posto á venda e distribuido pelos assignantes.

Dirigiu<sup>2</sup> os trabalhos da edição o nosso chefe José Carlos Junior, que não poupou esforços para que os Chromos tivessem o extraordinario successo que tiveram, esgotando-se em tres ou quatro dias toda a edição e tornando-se por isto necessario tirar uma segunda, que já está começada.

Este facto, virgem em nossa terra e rarissimo em qualquer outra parte do Brazil, denota clarimento a extrema sympathia e popularidades de que gosava Xavier de Castro.

E nem assim podia deixar de sor quando o auctor dos Chromos era um poeta essencialmente popular, tendo como fonte predilecta de inspiração a vida do grande publico em todos os seus departamentos sociais—vida tão rica de episodios interessantes e curiosos scenas que a sua pennu simples e honesta trasladava com uma graciosu e impressionante fidelidades para os seus versos.

Oluvo Bilac, um dos nossos maiores poetas, diziu hr pouco que Juvenal Galeno é o unico poeta verdadeiramente popular do Brazil.

Quando tal disse Bilac, diziu a verdade; hoje, porém, com a publicação dos Chromos temos certeza de que o nosso glorioso Juvenal tora em Xavier de Castro um emulo digno de fama igual a sua.

Entragando os Chromos ao publico, a Padaria nutre a convicção de que prestou um real serviço as lettras carenenses e espera confiante que as palmas do triumpho virão ornar a sepultura uinda fresca de Xavier de Castro.

«D. QUIXOTE»

Temos hoje que accusar a recepção dos nºs 28 e 29 da brilhante revista de Agostini.

O primeiro occupa-se da politica nas duas paginas externas, e nas duas internas traz os retratos de Erneste Novelli e Alberto Nepomuceno, artisticamente emolduradas de accessorios symbolicos da arte que cada um cultivu.

Pena é que entre os dois grandes artistas appareça a figura do Frégoli, embora em ponto pequeno e com feição caricata.

O nº 29 occupa-se todo de politica e com aquella graça irresistivel e finalmente ironica que distingue as creações do glorioso lapis do Agostini.

CLUB CARENSE

Com um brilhantismo pouco commum festejou este distincto Club no dia 7 do corrente com um luxuoso baile o 28.º anniversario da sua fundação. Embora um tanto retardatarios não podemos deixar de nunciar a deliciosa festa do Carense, sancionando o que deilid. e a imprensa diaria.

A nova Directoria da sympathica sociedade não poupou esforços para dar-lhe a maior solemnidade possivel, de sorte que a concorrência foi enorme e as casas se estiveram na ordem... da noite. Tanto o salão terreo como superior foram cuidadosamente ornados de flores naturaes e entrelaçados de ban-

deiras e palmas verdes, e toda a festa fuzo de corra e perfume dava ao Club, que regoitava de gente domesticada um ar phantastico de palacio de fada. Não ha em nosso limitado vocabulario adjectivos positivos que possam traduzir a inolvidavel impressão que nos deixou tão deliciosa festa, portanto não nos cumpre agradecer—níosé o convite com que fomos distinguidos como o mo do fidalgo com que foram acolhidos pela Directoria todos os que tiveram a aventura de assistira festa do Carense. Ao coronel Felino Barrozo, digno presidente do Club damos sinceros parabens pelo extraordinario triumpho alcançados no dia 7 de Setembro.

COLLABORAÇÃO

O ultimo vapor trouxe-nos uma deliciosa surpresa para a qual concorreu no papel de victimu, o nosso presadissimo consocio em S. Paulo, Dr. Garcia Redondo.

O illustre auctor das Caricias havia escripto no album de C. Burnettto um mimoso verso que este se apressou em remetter-nos sem sciencia do auctor.

Devido aeste louvavel abuso de confiança é que podemos mimosear os nossos leitores com a encantadora Seguidilha que hoje publicamos.

Uma outra surpresa agradável é o famoso Canto do sabid, que tambem publicamos hoje, da lavra do adoravel traidor, cujo verdadeiro nome estampariamos aqui si não temessemos desgostar ao nosso querido amigo Bellarmino Carneiro que tem particular interesse em que não seja destrinchada esta moada...

Si não fosse isto, ficaria o publico sabendo quem é esse C. Burnettto que para nos ser agradável não vacilla em atirar a publicidade os versos confiadamente escriptos em seu album por Garcia Redondo.

Emfim... elles são brancos e lá se entendam.

AS NOSSAS SENSÕES

Das sessões e das mais interessantes da nossa associação tomou que registrar — uma realinda no dia 20 de Agosto findo em casa de Moacyr Jurema e outra no dia 8 do corrente em casa de Bruno Jacy, em Porangaba.

Na primeira, que teve uma brilhante assistencia de senhoras e cavalheiros extranhos á Padaria entre os quaes se contavam os illustres academicos de Guilherme Studart e Julianiano de Serpa, foram lidos excellentes trabalhos em prosa e em verso dos quaes a falta de espaço não nos permite fazer enumeração.

A segunda, que foi ao mesmo tempo uma deliciosa festa de campo, Moacyr Jurema a descreve pelo miúdo em sua chronica de hoje e neioisa e pallida seria qualquer coisa que sobre ella dissessemos mais.

Limitaremos-nos portanto a registrar a apresentação dos Chromos, dos quaes ja nos occupamos acima, e dos autographos do livro Vagas de Sabino Baptista.

A proxima sessão se realisará no dia 18 do corrente, em casa de José Nava

## PREPARADOS PHARMACEUTICOS

DE

A. GONZAGA

**ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS.** Unicos medicamentos do Ceará approvados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Columbiana de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago:—Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões difficéis, azias, flatulencia, pezo de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição, etc.

**PEITORAL DE JUCÁ, COMPOSTO.** O melhor medicamento contra as molestias do peito:—Bronchite chronica, tosses rebeldes, escarro de sangue, tísica, etc.

**XAROPE ANTI-NERVOSO.** E' de uma efficacia incontestavel em todas as exarcebções do systema nervoso.—Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coração, neurasthenia, vomitos das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

**QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRÊS QUINAS.** Poderoso tónico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, etc. Mui util como preservativo das febres intermittentes ou sezões e nas convalescenças.

**XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA.** Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, glandulas enfiadas e nas molestias de origem escrofulosa.

**XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATO DE LITHIO.** Medicamento muito effcaz contra affecções catarrhaes da bexiga, na lithiasis renal (calculo ou pedras,) rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

**TINTURA DE SALSA PARRILHA COMPOSTA.** Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

**GOTTAS ANTI ODONTALGICAS.** Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre.

**INJECCÃO ANTI-BRENORRHAGICA.** Cura em pouco tempo blenorragias recentes ou chronicas.

**PÓS DENTRIFICOS.** Alveção e conservão os dentes e perfumão a bocca.

**TINTA PARA MARCAR ROUPA.** Preta e indelevel.

— — —  
Todos estes medicamentos achão-se a venda na pharmacia Gonzaga.

80—Rua do Major Facundo 80, Ceará.

## OLIVEIRA ROLA

Agente de

LEILÕES

E encarrega-se de vender mercadorias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições vantajosas.

20 Praça do Ferreira, 20

Telephone 28

## GRANDE LOJA DE JOIA

A MAIS ANTIGA DESTA ESTADA

**Jóias** de ouro, brilhantes e pedras preciosas de todas as cores. **Relógios** de ouro, de prata e nickel, para alibeira, inglezes, americanos, suíços etc. etc. **Relógios** para paredes e banca, despertadores de todas as peças. **Lunetaria** superior de vidraça e graduada (branca e de cores). Objectos para presentes: o mais chic e variado sortimento que se possa desejar.

Vendas garantidas, preços sem competencia.

Jacques Weil & C<sup>o</sup>

RUA DO MAJOR FACUNDO 70

## Estrella do Oriente

Este emporio de modas continua a afirmar a sua já reconhecida superioridade, recebendo por todos os vapores tudo o que a industria europeia produz de mais fino e mais elegante. A «ESTRELLA DO ORIENTE» avanta-se pela esmerada escolha dos seus artigos os quaes não se confundem com as vulgaridades que infestam o nosso mercado.

Assim quem quizer um artigo de bom gosto não tem mais do que procurar a

«ESTRELLA DO ORIENTE»

52—Rua do Major Facundo—52

## Aguiar

Esta afamada e importante loja de modas acaba de receber as ultimas novidades que a elegancia parisiense tem inventado ultimamente.

Tudo o que ha de mais moderno em artigos de luxo acaba de chegar para este conhecido estabelecimento, onde a mais chic *demi-selle* e o mais exigente *dandy* encontrarão com que satisfazer os seus extravagantes caprichos, procurando o que precisam no **AGUIAR**.

69, RUA MAJOR FACUNDO

TYP. STUART—Rua Formosa n. 26.